

Leitura em fac-símiles – algumas particularidades da teoria e prática dos séculos XVI e início do XVII

Nathália Domingos

Departamento de Música – ECA/USP – nathaliadomingos@yahoo.com.br

APOIO FINANCEIRO – FAPESP

Resumo: Este artigo propõe a apresentação de alguns tópicos relacionados aos elementos rítmicos essenciais para a leitura em fac-símile. Nesta comunicação serão brevemente descritas as notas em ligaduras, as formas das figuras musicais e suas pausas. Para isto serão utilizadas fontes primárias quinhentistas e seiscentistas. Pode-se concluir que a leitura em fac-símile requer prática, visto que figuras musicais como Máxima, Longa e Breve aparecem frequentemente neste repertório, enquanto hoje em dia encontram-se em desuso.

Palavras-chave: fac-símiles, Ligaduras, tratadística quinhentista, tratadística seiscentista, Thomas Morley

Reading facsimiles – some peculiarities of the theory and practice of the sixteenth and early seventeenth centuries

Abstract: This paper offers a presentation of some topics related to rhythmic elements essential for reading in facsimile. In this communication notes in ligatures, the musical figures and their rests will be briefly described. For this purpose it will be used primary sources from sixteenth and seventeenth centuries. It can be concluded that reading in facsimile requires practice since musical figures as maxima, longa and breve often show up in this repertoire while, nowadays, they are unused.

Keywords: facsimiles, ligatures, sixteenth-century treatises, seventeenth-century treatises, Thomas Morley

Introdução

A leitura de partituras em fac-símiles dos séculos XVI e início do XVII requer prática já que inúmeras são as dificuldades ao executá-las. Em primeiro lugar, essas obras em sua maioria não apresentam barras de compasso e são impressas em partes separadas, o que complica a localização caso algum dos músicos se perca. Também não estamos acostumados a identificar, à primeira vista, figuras como a Máxima, Longa e Breve especialmente suas pausas. E para completar, é exigida dos músicos a leitura em diversas claves musicais (dó, sol e fá) em suas diversas localizações (primeira, segunda, terceira e quarta linhas).

O principal objetivo desta comunicação é a apresentação de alguns tópicos relacionados aos elementos rítmicos indispensáveis para a leitura em fac-símile. Serão brevemente descritas as formas das figuras musicais e suas pausas, além das notas em Ligaduras. Para isto serão utilizadas fontes primárias quinhentistas e seiscentistas, em especial

o tratado *A Plaine and Easie Introduction to Practicall Musicke* de Thomas Morley (1597) concomitante com outras fontes inglesas, como Bathe (1596?) e Playford (1655).

1. Formas das figuras musicais e suas pausas

Figuras musicais como Máxima, Longa e Breve aparecem frequentemente no repertório dos séculos XVI e XVII, enquanto hoje em dia não. Encontramos dificuldades durante a prática musical por não estar acostumados a tocar figuras e pausas maiores que a Semibreve.

As figuras musicais e suas pausas estão ilustradas nas Figuras 1, 2 e 3.



Figura 1. Figuras musicais e suas pausas (MORLEY, 1597: 9).

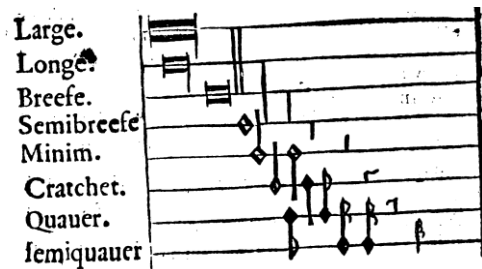


Figura 2. Figuras musicais e suas pausas (BATHE, 1596?, cap. 2).



Figura 3. Figuras musicais e suas pausas (PLAYFORD, 1655: 16).

Pode-se observar que a pausa da Máxima é representada por dois riscos que englobam dois espaços. A pausa da Longa tem um risco apenas, enquanto a pausa da Breve é representada por um traço que ocupa somente um espaço. Além disso, uma característica que chama-nos atenção é a maneira de grafar as figuras (notas quadradas e em formato de losango).

Na Figura 4, um moteto de Lassus a cinco vozes, é possível observar como as pausas são acomodadas na voz superior.

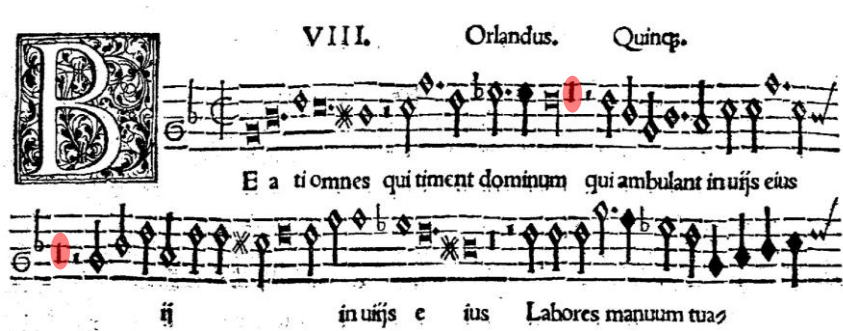


Figura 4. Excerto de *Beati omnes qui timent Dominum* (LASSUS, 1569).

As pausas, em geral, são posicionadas no mesmo nível da próxima figura musical. Observe, por exemplo, que a primeira pausa da Breve (em vermelho) preenche o quarto espaço, enquanto a segunda pausa está no segundo espaço. Isto facilita a leitura, já que o olho se mantém no mesmo nível para que se possa enxergar a próxima nota ou pausa.

2. Ligaduras

A Ligadura serve para agrupar duas ou mais notas e foi descrita pela primeira vez por Franco de Colônia em seu *Ars cantus mensurabilis* (entre 1260 e 1280). O valor de cada nota é definido de acordo com sua disposição na Ligadura. Trata-se de um resquício da notação da música mais antiga e era encontrada durante o século XVI naquelas passagens com notas de valores longos.

As Ligaduras podem ser classificadas como quadradas F ou oblíquas N , de acordo com seu formato. Tanto a localização na Ligadura como também o formato de seu corpo influenciam o valor da figura musical.

PRIMEIRAS NOTAS

- Sem haste

- se a segunda nota for descendente, seja quadrada ou oblíqua, será Longa (4 Semibreves).



- se a segunda nota for ascendente, seja quadrada ou oblíqua, será Breve (2 Semibreves).



- Com haste para baixo no lado esquerdo

- se a primeira nota possuir haste para baixo do lado esquerdo e se a segunda nota for ascendente ou descendente, seja quadrada ou oblíqua, será Breve.



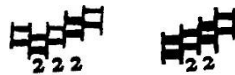
- Haste para cima

- se a primeira nota tiver uma haste para cima, significa que a primeira nota e a próxima serão Semibreves independente do formato (quadrada ou oblíqua) e da direção (ascendente ou descendente).



NOTAS INTERMEDIÁRIAS

- serão sempre Breves.



ÚLTIMAS NOTAS

- se a última nota for descendente e quadrada, valerá uma Longa.



- se a última nota for descendente e oblíqua, será uma Breve.



- se for ascendente, seja quadrada ou oblíqua, valerá uma Breve.



NOTAS COM HASTE DO LADO DIREITO

- não estão em Ligadura. Essas notas sempre serão Longa não importando sua localização, formato ou direção.



A tabela 1 resume os valores das notas em Ligaduras, conforme sua posição. Pode-se observar nesta tabela os valores das primeiras e das últimas notas de uma Ligadura.

Lembre-se que as notas intermediárias têm sempre o valor de uma Breve, exceto se a nota anterior possuir uma haste para cima do lado esquerdo.

“B” é a abreviação de Breve, o “L”, de Longa e o “S” é a abreviação de Semibreve.


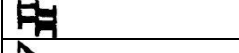
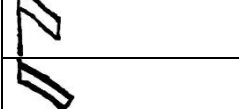

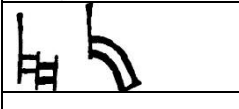
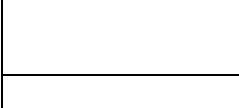

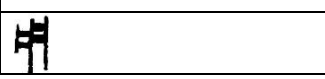
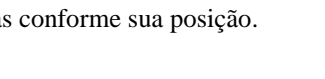
| Notas em Ligadura | | |
|---|---|-------|
| Descendente | Ascendente | VALOR |
|  | | B L |
|  | | L L |
|  |  | B B |
|  | | L B |
|  |  | S S |
| |  | B L |
| |  | L L |

Tabela 1. Valores das Ligaduras conforme sua posição.

Em seguida, o excerto de uma partitura retirado do tratado de Morley (1597) que ilustra a utilização das notas em Ligaduras. As figuras com haste para cima indicam Semibreves, tanto a primeira quanto a segunda nota. As notas intermediárias sempre valem uma Breve (ou duas Semibreves).



Figura 5. Exemplo de notas em Ligadura (MORLEY, 1597: 23).

Na Fig. 5, os demais valores estão representados pelos seguintes números: 2 significa duas Semibreves (ou uma Breve) e 4 demonstra quatro Semibreves (ou uma Longa).

Considerações finais

Pode-se concluir que a leitura em fac-símile requer prática.

É comum que músicos modernos encontrem dificuldades ao lerem partituras em fac-símile do século XVI e início do XVII já que tais obras, em sua maioria, não possuem barras de compasso. Além disso, as partes eram impressas separadamente e cada músico recebia apenas sua voz.

As dificuldades em geral consistem em: a) leitura em variadas claves - sol, dó e fá – em suas diversas posições; b) contagem dos tempos das pausas; c) familiarização com a grafia (notas quadradas e em formato de losango), além das notas em Ligaduras; d) leitura em partes separadas.

Tocar este repertório em fac-símile exige muitos ensaios. A propósito, são os ensaios em conjunto que permitem a marcação das *notas fictae*, das cadências e das letras de ensaio. Trata-se de um processo de descoberta no qual todos os músicos devem estar envolvidos, visto que a polifonia tocada em partes separadas faz com que o músico apure sua percepção horizontalmente.

É possível sim a prática em conjunto com utilização de fac-símiles desde que os músicos estejam abertos à novas leituras, caminhos e percepções.

Referências:

Fontes Primárias

BATHE, William. *A Briefe Introduction to the Skill of Song*. London: Thomas Este, 1596?. 21f.

MORLEY, Thomas. *A Plaine and Easie Introduction to Practicall Musicke*. London: Peter Short, 1597. 220 p. Disponível em: http://eebo.chadwyck.com/search/full_rec?SOURCE=pgthumbs.cfg&ACTION=ByID&ID=99847107&FILE=../session/1298075960_8274&SEARCHSCREEN=CITATIONS&SEARCHCONFIG=var_spell.cfg&DISPLAY=AUTHOR. Acesso em: 12 dez. 2010.

PLAYFORD, John. *An introduction to the skill of musick*. London: John Playford, 1655. 56p.

Partituras manuscritas

LASSUS, Orlande de. *Beati omnes qui timent Dominum*. Norinbergae: Ulrich Neubert, 1569.

MORLEY, Thomas. *A Plaine and Easie Introduction to Practicall Musicke*. Exemplo da página 23. London: Peter Short, 1597.